



Espaço da poesia: a construção da “Atenas norte-rio-grandense”

Space of the poetry: the construction of “Athens norte-rio-grandense”

SANTOS, Roberg Januário¹
BARROS, Lucilvana Ferreira²

Resumo: Discute-se neste artigo a invenção da “Atenas Norte-Rio-Grandense” mediante a produção escrita de intelectuais e poetas locais. Problematizam-se os jogos de interesses e as possibilidades identitárias contidas na elaboração desse epíteto projetado sobre a cidade de Assú, localizada no sertão do Rio Grande do Norte. Parte-se do referencial teórico da análise do discurso de Foucault, que projeta a linguagem como pragmática, promotora de ações, responsável, inclusive, pela construção de objetos de saber e poder, aplicada aqui a uma metáfora espacial. A conclusão preliminar é que a “Atenas Norte-Rio-Grandense” foi resultado do trabalho discursivo de agentes

1. Mestre em História. Professor do Curso de História do Instituto de Estudos do Trópico Úmido, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. Rua Maranhão, s/n. CEP: 68555-251, Centro. Xinguara-PA. E-mail: roberg.assu@hotmail.com

2. Mestra em História. Professora do Curso de História do Instituto de Estudos do Trópico Úmido, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. Rua Maranhão, s/n. CEP: 68555-251, Centro. Xinguara-PA. E-mail: lucilvanabarros@hotmail.com

interessados na projeção do Assú enquanto espaço culturalmente modelo e elevado no cenário potiguar da segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Atenas Norte-Rio-Grandense; Assú; Espaço; Poesia; Discurso.

Abstract: This article talks about the invention of the “Athens Norte-Rio-Grandense”, by means the written production intellectuals and local poets. It speculates here the gambling interests and the identity possibilities contained in elaboration of this projected epithet about Assu city, located in backwoods from Rio Grande do Norte. Through basis theoretical of the analysis of speech from Foucault, that it has the language like pragmatics and promotes actions, include being responsible for the constructions of objects of the lore and power here applied in space metaphor. The preliminary conclusion is that “Athens Norte-Rio-Grandense” was result of the discursive work of interested agents in the projection of the Assú while a cultural space model and elevated in the potiguar scene in second half of century XX.

Key words: Athens Norte-Rio-Grandense; Assú; Space; Poetry; Discourse.

Introdução

Localizado a 220 Km de Natal, o município de Assú é conhecido pela sua riqueza cultural e, graças à inteligência e à inspiração poética existentes no sangue dos assuenses, tornou-se conhecida como a “Atenas Norte-Rio-Grandense”³.

No dia 16 de outubro de 1845, a então Vila Nova da Princesa, que havia sido criada por Ordem Régia em 22 de Julho de 1766, se transforma em cidade, conhecida como “Atenas norte-rio-grandense” [...] ⁴.

Nos endereços eletrônicos oficiais da Secretaria de Estado do Turismo e da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, aparecem, respectivamente, os enunciados acima apresentados. Cabe perguntar: por que o Assú, cidade localizada na área sertaneja do Rio Grande do Norte, precisamente na microrregião do Vale do Açu, é atualmente considerada a “Atenas Norte-Rio-Grandense”? Quais estratégias, dizeres, e saberes foram empregados na perspectiva de tornar uma cidade do sertão potiguar em um tipo de espaço culturalmente elevado, chegando a ser comparado com Atenas, berço da cultura ocidental? Quais relações de força guiaram tal construção discursiva e quem foram os agentes envolvidos em tal empreendimento?

Os enunciados que alavancam a identidade assuense podem ser visualizados por meio da Bandeira do Município, principalmente a partir do Brasão no centro dela. A Bandeira atual foi confeccionada em 1969, mediante Lei 06/69 que estabeleceu o distintivo da Bandeira, a letra e a música do Hino do Assú:

3. Secretaria de Estado do Turismo: Disponível em: <<http://natalbrasil.tur.br/polo-costa-branca/assu/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

4. Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte: Disponível em: <<http://www.al.rn.gov.br/portal/noticias/3119/galeno-torquato-pede-solues-para-a-crise-hdrica>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

Figura 1 - Bandeira do Município de Assú/RN.



Fonte: Símbolos e hinos. Prefeitura Municipal do Assú.⁵

O enunciado visual é sugestivo para se pensar a formação discursiva que buscou instituir uma visibilidade ao espaço assuense, de modo a apresentar, além das cores verdes e brancas, os carnaubais e águas, uma coluna, dita na cidade como histórica, pois esta representaria a coluna existente na praça central de Assú, construída desde 1901, em alusão a passagem do século XIX para o século XX. Mas a coluna posta no Brasão assuense possui um sentido maior; este elemento arquitetônico aponta no sentido de ser mais um pretense símbolo da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, levando em consideração que um dos traços marcantes da arquitetura grega foi o uso de colunas. Além do que, embora a coluna assuense não apresente relação direta com os principais modelos de colunas gregas da Antiguidade, como o jônico, dórico ou coríntio, deve-se perceber que os princípios da arquitetura grega estão implícitos na coluna, a exemplo de ordem, beleza e geometria, pois a precisão dos detalhes e o uso de batentes também convergem para aproximações com as perspectivas gregas.

Dessa forma, situado o problema deste trabalho, pretende-se investigar como emergiu mediante um conjunto de acontecimentos discursivos e enunciados um arquivo imagético-discursivo responsável pela construção do espaço assuense enquanto “Atenas Norte-Rio-Grandense”. Além disso, deve-se compreender que o regime de “verdade” que circula em dada época e em determinado espaço é fruto de uma invenção por meio de poderes que se articulam com saberes. Em se tratando de espaços, é bem verdade que em sua formação, sejam nacional, estadual ou local, ocorrem invenções de símbolos, produção de histórias e decantação de riquezas naturais na perspectiva de construção de suas identidades. Estas que são “construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2009, p.109). Discursos que precisam ser entendidos mediante uma produção “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2009, p. 9).

5. Disponível em: <<http://assu.rn.gov.br/>>. Acesso em: 01 abril 2012.

A construção identitária de Assú enquanto “Atenas Norte-Rio-Grandense” pode ser rastreada por meio do discurso do poeta e escritor nativo Rômulo Wanderley:

Minha terra tem história, poesia e tradição! Em tempos idos, já foi A **Atenas do meu sertão**. Antigamente, a escola. Lá era risonha e franca, E o negro, banqueteado. Nos salões do amplo sobrado. Do Barão de Serra Branca (WANDERLEY, 1965, grifo nosso).

Nestes versos, Rômulo Wanderley traduz uma regularidade discursiva e, por sua vez identitária manifestada em vários outros enunciados, dispersos acerca da cidade de Assú, mas que ganharam sentido de unidade; ao passo que, implicitamente, convergem para anunciar uma terra com características ancestrais, por conseguinte históricas; um espaço de tradições intelectuais (jornalistas, bacharéis, poetas), festivas (o São João) e heróicas (participação de “heróis” na Guerra do Paraguai); um espaço composto de riquezas naturais (mata de carnaubais). Desse modo, este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla que investigou a construção do espaço assuense enquanto *terra de história, poesia e tradição*⁶.

Embora tenham sido produzidos discursos acerca da pretensa vocação poética dos assuenses antes da década de 1960, com destaque para o livro *Poetas do Rio Grande do Norte* (1922)⁷, de autoria de Ezequiel Wanderley, esse autor citava, em meio aos vários poetas referenciados em sua obra, a quantidade de mais de 25 poetas assuenses. Foi somente na década de 1960, principalmente a partir de 1965, com a publicação da obra *Canção da Terra dos Carnaubais*, composta por Rômulo Wanderley, que ganhou visibilidade o epíteto assuense: “Terra dos Verdes Carnaubais”. Concomitantemente seria visibilizado outro em relação à cidade: “Atenas Norte-Rio-Grandense”. Não se considera a obra de Rômulo Wanderley como sinônimo de origem do epíteto acima citado, mas como um dos pontos instauradores de uma constelação de acontecimentos discursivos, isto é, determinada sequência de discursos efetivamente falados e escritos acerca da decantada “Atenas” do Rio Grande do Norte. Não recorremos à obra de autoria de Ezequiel Wanderley como matriz originária da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, em função de compartilharmos da concepção de discurso como acontecimento, pensada por Foucault, pois ele observa que “[...] o discurso como acontecimento significa abordá-lo na sua irrupção e no seu acaso, ou seja, despojá-lo de toda e qualquer referência a uma origem supostamente determinável ou a qualquer sistema de causalidade entre as palavras e as coisas” (BARBOSA, 2004, p. 108).

Além disso, este trabalho pretende contribuir para pensar o espaço por outro ângulo que não aquele em que este era considerado como morto, congelado e imóvel. Segundo Foucault, muitas gerações desqualificaram o espaço o colocando em oposição à história, vista como sinônimo de um tempo fecundo, vivo e dialético. Uma história confundida com as velhas formas da evolução, da continuidade, do progresso, da consciência e da existência. (FOUCAULT, 2006). Este trabalho caminha na contramão dessa percepção de espaço, aqui este último faz parte da história, pois ele é mutável e

6. Este artigo provém da dissertação de mestrado intitulada *Cartografias identitárias do Assú: a construção de uma terra de história, poesia e tradição*, defendida em março de 2013, no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

7. O livro de Ezequiel Wanderley (1922) foi reapropriado pelos interessados na tradição assuense como obra arquiestrutural que deu origem aos cognomes “Atenas Norte-Rio-Grandense” e “Terra dos Poetas”.

construído, sendo fruto de operações discursivas.

Nesses termos, incursiona-se nos vários discursos considerados neste estudo como pré-terminais e não terminados, no sentido de analisar um arquivo de imagens e enunciados responsáveis pela visibilidade de Assú através do epíteto “Atenas Norte-Rio-Grandense. Registra-se, inclusive, que construções metafóricas desse tipo guardadas as suas especificidades de projeção e de articulação espacial emergiram em outras cidades do Nordeste brasileiro, a exemplo das pretensas: “Londres do Nordeste” (Natal/RN), “Liverpool brasileira” (Campina Grande/PB), “Hollywood Nordestina” (Cabaceiras/PB), “Veneza brasileira” (Recife/PE) e “Atenas brasileira” (São Luís/MA).

Acerca da “Atenas brasileira”, São Luís, estado do Maranhão, deve-se ter em mente que a construção cultural e identitária, operada neste caso, revela uma típica estratégia de produção de espaço, já que a ideia de “Atenas brasileira” surgiu na década de 1840, oportunidade em que a elite letrada maranhense, representada por intelectuais que “vão construir dentro da cultura maranhense do século XIX, um referencial simbólico, apoiado na superioridade da língua e da escrita” (ROCHA, 2013, p. 3). Ainda observa-se que:

A princípio, a proposta de sua criação teve como objetivos: proporcionar a São Luís “o codinome de Atenas Brasileira, inculcar na sociedade a imitação dos padrões clássicos da civilização ocidental, de se tornar um referencial identitário, buscar legitimidade intelectual, notoriedade, e além do mais, evocar nomes-símbolos, como a terra e, sobretudo o homem (OLIVEIRA apud ROCHA, 2013, p. 2-3).

Além disso, a “Atenas Brasileira” não emergiu por acaso, deve-se perceber que ela atendeu a um projeto de revalorização das classes sociais privilegiadas do Maranhão, principalmente o seguimento social ligado à economia agroexportadora que entrou em crise em função da proibição do tráfico de escravos, abolição da escravidão e fim do Império. Assim, na segunda metade do século XIX, o discurso de crise se estendeu da economia para a política e para a cultura (ROCHA, 2013). Conforme Rocha, foi a partir da relação de um passado glorioso, de idade do ouro da economia e a presença de homens de letras que “se alicerça o mito da “Athenas Brasileira”, que seria a tentativa de se construir um mito diferenciador de uma realidade que não mais se distinguia pelos aspectos econômicos, contudo possuía um passado de glória para se exaltar” (OLIVEIRA apud ROCHA, 2013, p. 4 -5).

Não se deve esquecer que a naturalidade do poeta Gonçalves Dias fomentaria ainda mais o desejo maranhense de se colocar na condição de espaço intelectual brasileiro. Também cabe registrar que, posteriormente, a investida dos intelectuais do Maranhão em inscrever e representar a província em âmbito nacional a partir de uma relação metafórica com a Grécia antiga, vários espaços e grupos intelectuais brasileiros, principalmente no âmbito da literatura, se serviram da herança cultural grega para se posicionar enquanto letrado e fazer jus a certa postura de intelectual. Daí Broca considerar que:

[...] A Grécia triunfou plenamente em nossas letras até a guerra de 1914, pelo menos. Alguns citavam-na a cada passo, porque realmente lhe conheciam a história e freqüentavam os mestres da antiguidade clássica; outros

helenizavam de oitiva, porque ninguém podia considerar-se verdadeiramente culto, se não falasse em Heitor, Ajax e no cerco de Tróia (BROCA, 2004, p.?).

Condições para a emergência da “Atenas Norte-Rio-Grandense”

Algumas condições alimentam a emergência da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, pois semelhantemente ao caso maranhense, a pretensão de tornar Assú uma Atenas no cenário potiguar pode indicar a postura dos letrados e poetas locais de construir um lugar de legitimidade cultural e intelectual para si próprios no panorama estadual e regional (Oeste Potiguar). Este processo de legitimidade pode ser explicado mediante algumas hipóteses: primeiro, garantir um poder simbólico/cultural que interessava as elites assuenses à época, ou seja, na segunda metade do século XX, com o declínio de sua principal fonte de economia, a cera de carnaúba, eles e sua cidade natal sairiam da rota de importância no cenário estadual. O tradicional Assú da economia dos carnaubais seria eclipsado e com isso toda a carga de importância que possuía as elites agrárias e urbanas da cidade, pois tal contexto afetaria não só aqueles proprietários de carnaubais, mas os donos dos grandes armazéns de comercialização e exportação da referida cera (SANTOS; BARROS, 2013). Assim, o soerguimento de *status*, mesmo que em outro âmbito, seria uma tentativa de manutenção do poder, ou seja, se não fosse por um poder econômico, que fosse por um poder simbólico⁸.

Os epítetos Assú “Terra dos Verdes Carnaubais” e “Atenas Norte-Rio-Grandense” apontam para estratégias de revalorização de seguimentos sociais interessados na manutenção de seu prestígio. Ora, não se deve esquecer que a “Atenas Brasileira”, no Maranhão, emergiu em função da necessidade das classes agroexportadoras de arrastarem no tempo seus lugares ditos importantes, mesmo diante de uma crise econômica. Além do que, a continuidade discursiva acerca da Atenas tanto no caso maranhense, quanto no caso assuense, podem apontar para um processo de apropriação de capital simbólico, ou seja, o discurso de uma lendária terra dos poetas demonstra o interesse posterior de apropriação de um estágio considerado como superior culturalmente e vivenciado num suposto passado de glórias.

Outra possível condição que pode ter contribuído para a construção da “Atenas Norte-Rio-Grandense” remete-se ao campo regional, haja vista que a cidade do Assú situa-se na zona sertaneja do Rio Grande do Norte, mais especificamente no Oeste do estado. Com isso, deve-se informar que embora tenha surgido em terras assuenses, outra cidade conseguiu alcançar um maior desenvolvimento econômico em fins do século XIX e na primeira metade do século XX. Trata-se de Mossoró, que a partir desta época tornou-se uma espécie de empório do sertão, rota de comercialização de uma variada gama de produtos, como algodão, sal, couro, etc.

Além do que, várias famílias tentaram estabelecer domínio sobre aquele importante centro econômico, com destaque para a Família Rosado, que conseguiu capitanear um projeto de estabelecimento que, até hoje, possui fortes influências na vida da cidade. Interessa dizer que, em 1948, os Rosados iniciaram um projeto cultural chamado *Batalha da Cultura*, inspirado num modelo paulista, cujo objetivo foi à construção da identidade cultural do espaço mossoroense, a partir da liderança de dois membros da família, o prefeito da cidade, Dix-sept Rosado, (1948) e seu irmão, Vingt-un Rosado.

8. Acerca desta questão, vide: (SANTOS, 2013, p. 102-133).

Deve-se considerar que, ao longo do século XX, os assuenses foram de certo modo trabalhando a ideia de espaço poético e jornalístico, de modo a assumir certa primazia no campo das letras no cenário regional e estadual. Com a *Batalha da Cultura* (Mossoró), aventa-se certo posicionamento em prol de uma dimensão espacial de destaque cultural no cenário do Oeste do Rio Grande do Norte, pois Mossoró criou uma estrutura cultural a partir da instalação de uma Biblioteca Pública, um Museu e um Boletim bibliográfico, para, em seguida, criar a *Coleção Mossoroense* e as Noites da Cultura. Além do que, em 1957, fundou-se o Instituto Cultural do Oeste Potiguar, no qual tinha por finalidade estudar e divulgar a cultura local e regional, sendo a *Revista Oeste* o seu veículo maior de expressão. Segundo Costa:

A atuação do ICOP na expansão e na publicação de artigos e de estudos via Revista OESTE sobre temáticas da cultura, da história e da geografia de Mossoró e da região Oeste, permitiu no campo do saber posicionar Mossoró como cidade pólo, centro da região Oeste do Rio Grande do Norte (COSTA, 2011, p. 7).

Este posicionamento de Mossoró enquanto centro regional seria expandido com a publicação do livro *Mossoró, Região e Cidade*, organizado pelo intelectual e mestre da *Batalha da Cultura* mossoroense, Vingt-un Rosado, em 1980. Este último organizou uma série de artigos escritos, entre 1921 e 1960, sobre a Região Oeste, pelo escritor Luis da Câmara Cascudo, compostos para o jornal *A República*, de Natal. Tal empreendimento intelectual promoveu Mossoró à condição de cidade polo da Região Oeste, conforme Costa:

Não é por acaso que os primeiros capítulos da obra têm como destaque o início dos movimentos da história política de Mossoró. A região oeste nasceria com o surgimento do município mossoroense, ligando a evolução política da referida cidade com a região. Esta seria enquadrada como “Região Mossoroense” que compreenderia desde o litoral de Macau e Areia Branca, com a agregação do *Vale do Açu* à comunidade microrregional [...] (COSTA, 2011, p. 5, grifos nossos).

Ora, o Assú situa-se no Vale do Açu, microrregião sobre sua liderança, mas pertencente ao Oeste Potiguar. Além do mais, a estratégia cultural mossoroense refletiu na constituição oficial da Mesorregião do Oeste Potiguar, criada em 1975, admitida pelo IBGE. Observa-se, assim, que antes mesmo da divisão oficial, Mossoró investiu na invenção do Oeste Potiguar objetivando sua liderança. Nunca é demais lembrar que os espaços regionais são expressões de experiências sociais, mas também de invenções discursivas e que estas últimas acabam operando dados recortes espaciais definidores de certas relações de pertencimento e reconhecimento.

É importante lembrar que, embora alguns escritores assuenses escrevessem artigos para jornais de Mossoró, como *O Mossoroense*, registra-se que até 1982 não se localizou obras que se reportassem diretamente ao município de Assú e que fossem pertencentes a autores assuenses publicadas pela *Coleção Mossoroense*, fato curioso devido à proximidade das duas cidades. Somente em 1982 localiza-se a obra *Assú da Minha Meninice*, de autoria de Francisco Amorim. Além do que, a criação em 1977 da *Coleção Assuense de Literatura* não indicaria uma possível estratégia de divulgação da

cultura local frente a outros projetos culturais ou no mínimo espelhado neste?

A *Coleção Assuense de Literatura* foi criada na década de 1970, mas passou por um período de recesso, tanto é que a sua reativação ocorreu somente no início dos anos 2000, momento em que o Poder Público Municipal reativou a Coleção no cenário cultural assuense. As primeiras obras publicadas pela *Coleção Assuense de Literatura* foram: *A Coletânea Literária Assuense (1977)* e *Colégio Nossa Senhora das Vitórias – 50 Anos (1977)*, respectivamente de autoria de João Marcolino de Vasconcelos e Francisco Augusto Caldas de Amorim. É interessante lembrar que a *Coleção Assuense* não foi um empreendimento isolado no cenário cultural potiguar, chama-se a atenção para outras coleções criadas por meios diferentes, mas com fins semelhantes, notadamente a produção identitária local a partir da ideia de colecionar como possibilidade de guarda, constituir acervo, preservar memória(s), entre outras. Cita-se, assim, a *Coleção Mossoroense*, dispositivo cultural da Batalha da Cultura mossoroense, e a *Coleção Baixa-Verdense*, criada na cidade de João Câmara, principal centro urbano da Microrregião de Baixa Verde.

Por outro lado, a última possível condição pode ser aventada acerca do perfil dos intelectuais e escritores assuenses da segunda metade do século XX, pois estes, diferentemente dos escritores e poetas anteriores, não se propunham mais somente a produzir glosas, sonetos, romances ou outros discursos para deleite intelectual e poético. Estes últimos conceberam suas produções com um sentido maior: garantir um lugar elevado e de destaque para sua cidade natal. Escritos como os produzidos por Rômulo Wanderley, Lauro de Oliveira, Francisco Amorim, Ezequiel Filho, entre outros, que insistiram em enfatizar a importância cultural assuense e rememorá-la a todo instante. Estes intelectuais não estariam possivelmente agindo em função de uma retomada da tradição cultural assuense? A questão levantada pelo considerado mestre da cultura potiguar, ocasião em que Luís da Câmara Cascudo, referindo-se a morte do jornalista assuense, Palmério Filho, ocorrida em 1958, teria dito: “se o Açu está esquecendo, arredando e pondo à margem a tradição centenária de criação literária, como é que vai acordar Palmério Filho, um dos últimos defensores de sua cultura? [...]” (CASCUDO *Apud* ROSADO, 1980, p. 117). Daí a década de 1960 tornar-se sintomática para um projeto cultural desenvolvido discursivamente.

Além do mais, a investida na “Atenas Norte-Rio-Grandense” não seria um trabalho frente à fluidez dos tempos, à perda dos antigos referenciais que postavam Assú e seus representantes culturais em destaque? Intelectuais e escritores não estariam investindo contra o que a escritora assuense, Sinhazinha Wanderley, sentia: “eu sinto que essa vida já me foge”, oportunidade em que se debatia contra a perda dos antigos costumes e tradições da cidade⁹. Não se deve esquecer que a década de 1960 presenciou uma convergência revolucionária, já que a ideia de revolução atravessava os diversos setores da sociedade. A busca de outras ordens para uma nova sociedade era premente, como a liberação sexual, a renovação, a fusão entre público e privado, viver o momento, entre outros, eram sintomas destes tempos (RIDENTI, 2014). Esses foram marcados pela industrialização e urbanização num ritmo de vida um tanto quanto diverso.

9. Ver: SANTOS, Roberg Januário dos; OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “Eu sinto que essa vida já me foge”: a pedagogia dos espaços nas tessituras de Sinhazinha Wanderley (No Prelo). *Revista de História e Estudos Culturais* – FÊNIX.

A emergência da “Atenas Norte-Rio-Grandense”

A partir da década de 1960 se observa um trabalho mais enfático de construção da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, chegando-se, inclusive a publicação de um livro inteiramente devotado a este epíteto, ocasião em que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) patrocinou a publicação de ASSÚ – “Atenas Norte-Riograndense”, de autoria de João Carlos de Vasconcelos em 1966. Em um de seus enunciados, o autor enfatiza que:

Se o Estado do Maranhão, onde se fala o melhor português do Brasil, é considerado a “Atenas Brasileira”, o Assú é considerado a “Atenas Norte-riograndense”, porque basta nascer nesta terra prodigiosa, beber água da lagoa do Piató e ouvir farfalhar acariciante das flabelas do carnaubal esguio e numeroso, para possuir, inato, o dom poético, elevado à mais alta potência criadora (VASCONCELOS, 1966, p. 17, grifos nossos).

Observa-se bem que os intelectuais conheciam o caso maranhense, bem como ergueriam os elementos que constituiriam a Atenas potiguar. Além do que, estes dizeres tornam-se sintomáticos para se pensar o quanto Assú foi sendo adjetivado enquanto espaço da poesia norte-rio-grandense. Um conjunto de enunciados foi enredando uma teia de expressões e consubstanciando a ideia de uma “Atenas Norte-Rio-Grandense” e de uma “terra dos poetas”, ambas se prestaram a produzir um espaço de feições poéticas. Enunciados que se relacionam com outros e que juntos vão formando o tecido imagético-discursivo acerca de Assú. Além disso, a “Terra dos Poetas” ou a “Cidade dos Poetas”, como classificou o jornal *O Mossoroense* em 1950, não possuía o impacto da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, antes de 1960. No entanto, a “Terra dos Poetas” já aparecia em certos enunciados, o que leva a crer que a “Atenas” pode ter sido pensada como “munição” de maior peso a ser utilizada na década de sessenta, dadas as circunstâncias já ressaltadas.

Vasconcelos, ainda no excerto destacado acima, postula dons naturais para aqueles que nascem no Assú, dons de poesia, onde basta beber da água da lagoa mais famosa do município e ouvir o farfalhar dos carnaubais para acontecer um tipo de desabrochar poético, pois o “verdadeiro” dom poético já viria com o assuense, uma vez que ele seria nato. Também nesse enunciado, observam-se os interesses espaciais, na medida em que Vasconcelos cita a questão das Atenas (brasileira e norte-rio-grandense), corre implicitamente na veia desses dizeres certa intenção de garantir para o Rio Grande do Norte um lugar na pretensa recepção do legado ateniense no que tange aos seus atributos inteligentes e vastas manifestações culturais, a exemplo do apego as letras, da poesia, artes cênicas, músicas, entre outras.

Acredita-se que os dizeres elencados por Vasconcelos na citação acima, são ecos de escritos praticados por assuenses que se relacionavam no mesmo espaço intelectual que ele: o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Uma das primeiras referências inspiradoras para Vasconcelos, possivelmente, foi o livro *Canção da Terra dos Carnaubais* (1965), de autoria de Rômulo Wanderley, já citado neste texto. Por outro lado, a presença de Francisco Augusto Caldas de Amorim (outro escritor e poeta assuense), entre outros escritores no IHGRN, ofereceu possíveis inspirações para o escritor.

Primeiro, deve-se levar em consideração que a obra ASSÚ – “Atenas Norte-Riograndense” (1966), composta por Vasconcelos, foi resultado de uma visita da chamada “Caravana Literária” do IHGRN ao Assú, em 1965, inclusive com a presença do presidente do Instituto, Enélio Lima Petrovich, oportunidade em que Francisco Amorim lançava o livro *História da Imprensa do Assú* e Rômulo Wanderley publicava *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense*. Rômulo publicava aí seu segundo livro no ano de 1965, numa perspectiva de continuar a obra de seu conterrâneo Ezequiel Wanderley, que escreveu *Poetas do Rio Grande do Norte* em 1922¹⁰, já citado. Esta produção de Rômulo Wanderley revela o apego ao que podemos chamar de ponto de origem da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, pois a intenção é atualizar a obra considerada seminal que alçou os assuenses no panteão das letras potiguaras.

Vasconcelos, por sua vez, para consubstanciar a ideia de “Atenas” enfatiza a importância de Ezequiel Wanderley, dizendo que “somente este livro POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE, publicado com o intuito nitidamente literário, é suficiente para assegurar ao seu autor, no tempo e no espaço, um lugar privilegiado no panteão das letras do nosso Estado” (VASCONCELOS, 1966, p. 23). Ezequiel Wanderley para Vasconcelos aparece como figura consciente, sujeito possuidor de um lugar próprio no panteão das letras. Ora, não se reconhece, assim, um autor atravessado pelo discurso; não se fala de um autor que se insere numa dada rede de saberes estratégicos e muito menos de poder.

Vasconcelos continuou a exaltar as características da “Atenas Norte-Rio-Grandense” e evidenciou que “É notável a atuação dos assuenses no campo vasto da literatura norte-rio-grandense, especialmente no jornalismo e na poesia” (VASCONCELOS, 1966, p. 23). Já fechando o ponto discursivo que abriu com o enunciado anterior, este mesmo autor comunica que:

Pelo que vimos, valiosíssima tem sido a contribuição do Assú às letras do Rio Grande do Norte. No jornalismo predominaram as penas de Elias Souto, Galdino Lima e Palmério Filho. Na poesia e no teatro Ezequiel Wanderley. Em História, Nestor Lima. Estes, já deixaram a vida terrena e, lá do céu admiram a disposição dos que estão, na terra, seguindo as pegadas indeléveis que deixaram no vasto campo da literatura potiguar. O Assú é, incontestavelmente, a Atenas do Rio Grande do Norte (VASCONCELOS, 1966, p. 24).

Percebe-se nos enunciados de Vasconcelos uma reparável inclinação a considerar Assú a “Atenas Norte-Rio-Grandense” em função do jornalismo, poesia e história, na perspectiva de terra letrada, o que implica pensar na permanência da ideia de reduto do jornalismo e da poesia potiguar. Sendo assim, o entrelaçamento dos enunciados de Vasconcelos com a formação discursiva que postula Assú, *terra de história, poesia e tradição*, são evidentes, pois sua discursividade deixa implícita a ideia de tradição, na medida em que vislumbra a noção de origem e continuidade. A positividade da formação discursiva continua, haja vista existir certo *a priori* histórico, ou seja, mesmo não se repetindo, os enunciados pertencentes a uma regularidade discursiva apresentam certas constantes, daí os nomes próprios (Elias Souto, Galdino Lima e Palmério Filho, Ezequiel Wanderley e Nestor Lima) e o devotamento de certos atributos (jornalismo, 10. Observa-se que Rômulo Wanderley, na pretensão de atualizar o panorama da poesia do Estado, acabou por ampliar o panorama da poesia assuense, pois se no estudo de Ezequiel Wanderley emergiam pouco mais de 25 poetas assuenses, com o primeiro escritor esse número se ampliou para 40 poetas.

poesia e história) transparece, assim, que já haveria uma história pré-existente do espaço assuense, ocasião em que os que seguem “as pegadas indeléveis” dos primeiros possuíam o dom e o dever de continuar a obra realizada.

Desse modo, neste mesmo ano de 1966, Rômulo Wanderley lançava: *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense* (1965), no Recife, oportunidade em que o anfitrião foi o também assuense Lauro de Oliveira, radicado na capital pernambucana há vários anos, em função do exercício docente na Faculdade do Recife. A solenidade de lançamento do livro aconteceu na Sociedade de Medicina e foi organizada pelo Centro Norte-Rio-Grandense, em Pernambuco. O prof. Lauro de Oliveira palestrou sobre Assú e recordou os tempos que viveu naquela cidade, principalmente durante a infância. Intitulou seu discurso de “O Açú no Recife” e posteriormente o transformou em livro. Em um trecho deste último, o autor considerava “[...] Açú, com a autenticidade de sua poesia em todas as camadas populacionais” (OLIVEIRA, 1966, p.10).

Quanto a Rômulo Wanderley, que lançava seu livro na solenidade no Recife, Oliveira informou que foi seu avaliador na Faculdade de Direito do Recife e que possuía uma dívida para com ele, pois o mesmo tinha escrito uma crônica sobre seu pai no Jornal *A República*, de Natal. Oliveira afirmaria que o nome de Rômulo “[...] se projeta fora do Estado, como um dos valores positivos do Açú poeta, e do Açú escritor” (OLIVEIRA, 1966, p.17). Ele vai mais além, situando Rômulo na linhagem poética de vários assuenses, concluindo que a cidade seria o espaço da poesia, pois teria sido seu berço, já que para ele, Assú era “[...] a cidade que produziu o maior número de poetas do Estado”.

Descendente da família Wanderley, Rômulo pertenceu à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Autor de uma vasta produção literária e histórica, Rômulo escreveu obras como *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense* (1965), *Noções de História e Geografia do Rio Grande do Norte* (1968) e *História do Batalhão de Polícia*. Rômulo foi um tipo de porta-voz da cidade onde nasceu e mesmo residindo na capital do estado, demonstrou forte interesse em dizer e escrever sobre a mesma. Apresenta em a *Canção da Terra dos Carnaubais* (1965) elementos que permitem discutir a construção imagética discursiva do espaço assuense por meio da ideia de terra letrada e sua relação com a ideia de “Atenas Norte-Rio-Grandense”. Nela Rômulo Wanderley (1965, p. 17-18) versara:

Minha terra tem poetas de inspirações magistras
Nascidos ao farfalhar
dos verdes carnaubais.
Minha terra floresceu
Às margens do rio Assú
E deu filhos que lutaram
Nos campos de Curuzu

Percebem-se uma possível inspiração da *Canção do Exílio*, do poeta maranhense Gonçalves Dias, ícone da “Atenas Brasileira”, oportunidade em que Rômulo inseriu as carnaubeiras, árvores pertencentes à família das palmeiras tão decantadas pelo poeta maranhense. Gonçalves Dias escreveu a *Canção do Exílio*, enquanto Rômulo preferiu denominar sua poesia como *Canção da terra dos Carnaubais*. O enunciado poético ainda propõe uma compreensão exaltada da terra natal do poeta, remetendo-se a grandeza poética, paisagística e heroica dos assuenses.

Os carnaubais, nesta ótica, que influem na atmosfera poética assuense, seriam elementos fundamentais para uma poética do espaço, pois na segunda parte do livro, encontra-se um bloco de *Anotações*, nele observa-se um movimento de escrita acerca do que Rômulo versou anteriormente. Assim, sobre o primeiro, as *Anotações* dizem que “a cidade do Assú sempre foi a cidade dos poetas. A poesia é um dom natural dos assuenses” (WANDERLEY, 1965, p. 29). Logo após, evidencia-se que:

Estudando-se a literatura potiguar, conclui-se que nenhuma outra cidade, com exceção de natal, tem sido berço de tantos poetas, seresteiros e boêmios. Eles nascem com vocação irresistível dos menestréis. Versejam com a inteligência que Deus lhes dá, às vezes sem instrução e sem cultura (WANDERLEY, 1965, p. 29).

Construir o espaço assuense, nestes termos de naturalidade, converge para a ideia de origem, de tradição, de presença, de um tipo de espectro ou feixe de irradiação poética capaz de pairar sobre a cidade e “influenciar todos” que ali nascem. Essa perspectiva de espaço pode ser compreendida pela advertência fornecida por Bachelard, de que é no e pelo espaço que alcançamos os belos fósseis de uma duração concretizada (BACHELARD, 1978). Ou seja, é nele e por ele que tentamos situar, (de)marcar, localizar e fixar. Já a ênfase na tradição pode ser entendida por meio dos apontamentos de Foucault, ao passo que este evidencia que esta noção permite o repensar da dispersão da história, na medida em que reduz as diferenças e isola as novidades sobre um fundo de permanências (FOUCAULT, 2012). No caso do Assú, constata-se o agenciamento de um tipo de permanência da vocação poética e de uma paisagem ímpar: os carnaubais.

Em um de seus discursos na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, publicado em 1970, sobre o título de: *Evocando os nossos mortos*, este escritor se reporta a mortos ilustres, como poetas, escritores e homens dedicados aos estudos da história. Nesse texto, ele se remete ao assuense Nestor dos Santos Lima, dizendo “nascido na cidade tradicional dos carnaubais que tem servido de berço a poetas e heróis, patriotas e trovadores [...]” (WANDERLEY, 1970, p. 80). Ele aí demonstra explicitamente à articulação entre carnaubais e tradição, reforçando a questão de berço da poesia e heroísmo potiguar como atributo histórico.

Por sua vez, em 1972, a escritora mineira e radicada em Assú, Maria Eugênia Macieira Montenegro, tomava posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e, nesta oportunidade, a mesma proferiu um discurso de posse fazendo uma exaltação da participação feminina no mundo letrado, bem como da cidade enquanto berço da poesia. Considera-se esse discurso de posse mais um enredo que tece uma rede de enunciados promotores do Assú enquanto espaço de uma pretensa tradição poética.

Registra-se que a chegada de Maria Eugênia na Academia de Letras do Estado foi vista como algo extremamente importante para uma cidade que ostentava o título de “Atenas do Rio Grande do Norte”. Por isso, quando de sua posse, a cidade recebeu com festa a referida escritora. De acordo com matéria jornalística da época:

Por outro lado, a cidade de Açú esteve em festas no último sábado quando chegava aquela cidade a escritora Maria Eugênia Maceira Montenegro, empossada na sexta-feira como nova imortal da Academia Norte Riograndense de Letras. A saudação à escritora foi feita pela promotora de justiça da

comarca, Dra. Maria Evanilde de Souza, sendo secundada pelo poeta Renato Caldas, além de diversos outros oradores. Faixas foram colocadas nas ruas da cidade como saudação à nova imortal da Academia, muitas delas enaltecendo as qualidades da escritora e o papel que esta representava na casa da cultura que é a Academia de Letras do Rio grande do Norte (O MOSSOROENSE, 1972, N^o. 3.833, ano C, p. 5.).

Conforme se observa acima, a cidade se preparou para honrosamente homenagear Maria Eugênia, deixando transparecer o quanto a chegada da mesma à Academia empolgava os ânimos. Para assegurar ainda mais o nome de Maria Eugênia enquanto personalidade de destaque do cenário assuense, a cidade, mediante promoção da Universidade Regional, realizou, dois meses após a posse da escritora na Academia de Letras, a festa das personalidades assuenses, oportunidade em que foram escolhidos 14 nomes em diversas áreas, sendo agraciados com diplomas de mérito. De acordo com a reportagem, Maria Eugênia foi escolhida como personalidade da cultura, enquanto Renato Caldas, poeta assuense, foi classificado como personalidade artística e poeta (O MOSSOROENSE, 1972, N^o. 3.890, Ano C, s/p.). O posto designado à escritora demonstra que a cultura da cidade estava em alta, pois Maria Eugênia seria naquele momento um dos únicos nomes advindos do Assú a constar na galeria de imortais das letras no Estado com sua presença na Academia de Letras.

Desse modo, ainda deve-se lembrar que, em função dessa escritora não ser de naturalidade assuense, tal situação poderia vir a ofuscar o brilho da conquista. Logo em janeiro de 1973, a cidade, por meio de seus representantes políticos, buscou solucionar a questão, concedendo o título de cidadã assuense à Maria Eugênia Maceira Montenegro, ato pelo qual se pode enxergar o interesse em naturalizar a escritora, já que ela passou a orgulhar a cidade naquilo que mais lhe rendia forças de produção identitária, a saber: a cultura intelectual e poética (O MOSSOROENSE, 1973). Além do mais, seria interessante torná-la assuense, pois ela acabava de ser eleita prefeita de Ipanguaçu¹¹. Vislumbra-se, por meio desses aspectos, a montagem de estratégias para a produção e manutenção da identidade espacial em construção, procurou-se agir para fazer valer a Atenas Norte-Rio-Grandense.

O discurso da escritora na cerimônia de posse na Academia foi moldado com base no modelo dos discursos proferidos na Instituição. Nele, Maria Eugenia enfatizou sobre seus antecessores e para tal exercício cuidou de discursar acerca da terra dos referidos escritores. Embora o escritor Wanderley (um dos patronos da cadeira que assumia na Academia de Letras) não fosse natural do Assú, sua genealogia o credenciava. Desse modo, após tratar das questões feministas, ela ressaltava que:

Para alcançar esta tribuna, foi-me primordial o encontro primeiro com a terra, com as condições sociais que me obrigaram a procurar nos “sarcófagos da flor” – os livros – o convívio salutar e edificante dos silentes amigos.

Pisei o solo do Açu, antiga vila Nova da Princesa, a *Atenas Norte-Riograndense* – terra de poetas e heróis, berço de Perceval e Ulisses Caldas, os bravos imortais dos campos de Curuzu, da guerra do Paraguai, onde Ulisses, ao ver explodir a seus pés uma mina ceifando vidas, exclamou: “avante Camaradas! Ainda é vivo Ulisses!” terra-título do conselheiro brito Guerra – o Barão do Açu – Ministro do Supremo Tribunal do Império (MONTENEGRO, 1972, p. 238, grifos nossos).

11. Município localizado na Microrregião do Vale do Açu, estado do Rio Grande do Norte.

No enunciado acima, Maria Eugênia afirmou que chegou a Academia de Letras em função do contato com a terra, ou seja, ela evidencia a terra, o solo, o chão de Assú como terreno propício para o alvorecer das predisposições intelectuais e poéticas. Nela está implícita a ideia de fertilidade do solo assuense que tanto outros enunciados fazem emergir, recaindo na tendência de naturalidade de uma “Atenas Norte-Rio-Grandense”. Por outro lado, essa escritora expressa um conjunto de elementos simbólicos atribuídos ao Assú, de modo que reforça o discurso da tradição, uma vez que se reporta a antiga Vila Nova da Princesa, a “Atenas” e aos heróis da Guerra do Paraguai e a figura do Barão do Assú. Percebe-se um discurso permeado por *história, poesia e tradição*, ancorado fortemente naquilo que Foucault chamou de formas prévias de continuidade: tradição, influência, desenvolvimento ou espírito. Formas estas remetidas há um tempo pretérito, o que não é novidade para a construção de identidades, pois estas podem ser legitimadas “[...] por referência a um suposto passado – possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos” (WOODWARD, 2009, p. 27).

Em determinado trecho de seu discurso, Maria Eugênia investe na pretensa existência de uma “Atenas”, pois num determinado trecho em seu discurso, a escritora faz uma relação direta entre o espaço assuense e o espaço ateniense da Grécia antiga, ao destacar que “é tão grande o amor do povo açuense pelas letras, que pelas ruas da antiga Vila Nova da Princesa, perambulavam Demócritos, Diógenes, Sócrates, Sólon, Demóstenes, numa explosão cultural, de admiração à decantada Grécia” (MONTENEGRO, 1972, p. 238). Este enunciado descortina a “Atenas Norte-Rio-Grandense” a partir de um passado lendário, embora outros enunciados situem esta mesma “Atenas” em um presente poético, ponto pelo qual se percebe certa atemporalidade desta atribuição espacial conferida ao município de Assú. O que também indicaria certo caráter mitológico, pois a “Atenas” aparece enquanto narrativa fantástica; fruto de ações de agentes que encarnam as forças da natureza poética, ancorados num fundo de verdade de pertencimento.

Já em 1977, Maria Eugênia publicava “*Discurso em homenagem à memória de Carolina Wanderley*”, esta filha de Luís Carlos Lins Wanderley¹², também membro da Academia de Letras. Carolina foi inserida em grande parte dos enunciados da segunda metade do século XX que se reportam ao Assú poético e tradicional. Seu nome foi inserido na “plêiade” de poetas que compõem a paisagem imagética-discursiva de um “velho Assú”, espaço esse que nos discursos investigados transparece ser autêntico e ancestral. Na visão dos “tradicionalistas”, Carolina teria alcançado espaço no “reino” da poética assuense através de seu poema “Terra Bendita”. Assim, após informar as características literárias de Carolina (1891-1975), Maria Eugênia passou a se reportar a biografia da homenageada, de modo que em determinado momento, ela frisava que:

Carolina nasceu a 4 de janeiro de 1891, na *Atenas Norte-Riograndense, no velho e tradicional Açú*. Foi a primogênita do casal - Luís Carlos Lins Wanderley - Maria Amélia Wanderley. Teve dois irmãos: o vibrante jornalista e teatrólogo Sandoval Wanderley - o de saudosa memória e Alberto, o caçula que tras no “genes” o amor a cultura no caminho do saber dos ancestrais (MONTENEGRO, 1977, p. 23, grifos nossos).

12. Considerado primeiro médico potiguar e romancista.

Neste trecho a escritora faz referência ao espaço onde nasceu Carolina, de modo que mais uma vez a “Atenas Norte-Rio-Grandense” é enunciada. A autora ainda converge para ressaltar o perfil intelectual e poético da família da homenageada fazendo menção a certo fator de naturalidade fomentador das predisposições poéticas de um dos irmãos de Carolina, o que fica implícito a questão da suposta naturalidade da arte de fazer versos dessa estirpe. O que a autora dos versos promove é o cruzamento de saberes e poderes, pois o enunciado acima põe em cena a relação da família Wanderley com a poética local, propiciando entendimento sobre o lugar privilegiado desta família no cenário cultural da cidade.

Já em 1978, com o apoio do Estado do Rio Grande do Norte, através da Fundação de Cultura José Augusto, Maria Eugênia publicava o livro *Lembranças e Tradições do Açú* obra pela qual a autora seria inserida com todas as honras no panteão de escritores (as) das coisas do Assú e do Vale. Por meio desta obra, a autora buscava escrever sobre o folclore do Vale, mas terminou, em grande parte, falando dessa cidade polo da Região.

Esta escritora tentou apresentar uma visão folclórica da região, particularmente de Assú. Para ela “a alma sertaneja é um mundo de poesia”. Nesse sentido, Maria Eugênia buscou capturar em seu texto as tradições e superstições locais. É com esta obra que a fama cultural do Assú foi estendida ao ramo folclórico. No entanto, essa situação não implicou uma ação em busca das diferenças, das diversidades, pois o diferente nesse discurso materializado pela escritora insurge como o popular, o exótico e como “fatos pitorescos”.

Em continuidade a visibilidade de “Atenas”, Maria Eugênia, logo após traçar as características das “tradições populares”, mais uma vez mobiliza enunciados na perspectiva de reativar a pretensa “Atenas Norte-Rio-Grandense”, pois informa que:

Apesar de ter sido o Açú uma das primeiras cidades do Rio Grande do Norte a possuir um teatro, hoje não possui um único grupo cênico. Melpônea e Tália, as decantadas musas, fugiram para longínquas plagas, deixando, contudo, nesta cidade, filhos ilustres, dentre eles Sandoval e Sinhazinha Wanderley, ambos de renome nacional, para não se falar de outros de igual valor e cultura. Se os teatros desapareceram do cenário artístico e cultural da “Atenas Norte-rio-grandense”, o povo, contudo, não abdicou das velhas tradições [...] (MONTENEGRO, 1978, p. 109, grifos nossos).

Para um espaço que pretendia tal título, as artes cênicas seriam importantes para compor um cenário cultural, de modo que, embora estas não estivessem em ascensão na visão da autora, as “velhas tradições culturais” continuariam o campo artístico e cultural da “Atenas Norte-Rio-Grandense”. No enunciado acima, percebe-se que a autora buscou evidenciar a ligação entre o espaço grego antigo e o espaço assuense, pois pressupõe que musas gregas teriam partido, mas teriam deixado descendentes como os dois membros da família Wanderley citados.

Por outro lado, essa evidência do decréscimo da atividade teatral, nos seus moldes convencionais, pode explicar, em partes, a ação do escritor assuense Francisco Amorim, pois ele publicou *História do Teatro no Assu*, em 1972. Na introdução da obra, o referido autor aciona o enunciado da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, desta feita mobilizando o elemento do teatro como legado direto entre as duas espacialidades em

tela (Grécia e o Assú):

A par dessas evidentes e positivas manifestações espirituais, que se alongam e se dilatam à proporção que os anos caminham, valorizando seus autores e as suas criações, *vamos juntar, recuando no Tempo e no Espaço, as expansões fervorosas no domínio da arte dramática*. É sabido que essa ciência vem de priscas eras. Data de remotas origens o seu aparecimento. A antiga Grécia foi o seu berço. Aos helenos, os percussores da poesia dramática em forma de tragédia, devemos a existência do Teatro. Foi em Atenas, a cidade triunfal, na musicalidade dos poetas a coroada de violetas, aonde primeiro germinaram os sistemas filosóficos, floresceram as magnitudes das artes. Surgiram os postulados da liberdade de pensamento, e solidificou-se a dignidade humana. Não resta dúvida que esse conjunto de atributos de excepcional grandeza, influenciou, contribuiu, pela sua essência contagiante e aproximadora, para a feitura de uma civilização que, germinando estímulos e premiando esforços, criou uma mentalidade popular uma potencialidade cultural que, ganhando distâncias, dimensões mais largas e mais amplas, pouco a pouco se infiltrou, se ramificou e se estendeu, através dos mares e dos continentes, até chegar até nós com a organização de uma sociedade dramática, a 16 de Março de 1884, intitulada “Recreio Familiar” [...] (AMORIM, 1972, p. 3, grifos nossos).

Nestas palavras, é perceptível a conexão direta entre o espaço grego da antiguidade e o espaço assuense por meio da arte dramática, o que implica pensar na relevância deste trabalho que problematiza a construção discursiva de uma da “Atenas Norte-Rio-Grandense”. Não se deve encarar a menção aos poetas como natural, mas como uma reafirmação da identificação de Assú com Atenas. Esta situação demonstra substancialmente o trabalho de construção da identidade assuense por meio de atributos como origem, continuidade, tradição e atemporalidade, atributos esses também manuseados em processos identitários, como aponta Hall (2006). Observa-se ainda que a cultura teatral e poética assuense esboçada no enunciado acima, teria sido originária da Grécia antiga, indicando, assim, o nascimento e percurso imutável de tal cultura, de modo a ser continuada pelos assuenses, implicando num lugar de herdeiros da tradição ateniense.

Além disso, a publicação de *História do Teatro no Assu* ocorreu por meio do Serviço Nacional de Teatro, a referida instituição era ligada ao Ministério da Educação e Cultura e esteve em alta mediante a política de incremento a cultura desenvolvida pelo regime militar, iniciado no Brasil a partir de 1964. O livro foi publicado em 1972, ano do sesquicentenário da Independência brasileira, portanto, um ano que os setores ligados à cultura se movimentavam bastante, daí o registro da referência relativa a esta data no livro. Além do que, ressalta-se como possível fator que possibilitou a publicação da obra com recursos federais à época, o fato de Francisco Amorim politicamente está alinhado ao governo dos militares, pois de acordo com reportagem de *O Mossoroense*, de 18 de janeiro de 1972, após convenção partidária, este escritor foi eleito como um dos membros do diretório do partido ARENA de Assú. Deve-se ainda considerar que enquanto o Governo dos Militares patrocinava obras sobre teatro nos moldes da que acabamos de citar, existia um tipo de teatro resistente em tempos de repressão no Brasil. Segundo Napolitano (2008), o teatro a seu modo apresentou um estilo de contracultura no Brasil, pois grupos e peças teatrais buscavam protestar contra a repressão vivida a partir do AI5, daí os militares investirem em produções harmoniosas e identitárias, pois

não traziam questionamentos ao cenário vivido.

Em 1977 era publicada pela *Coleção Assuense de Literatura* com o apoio da Prefeitura Municipal a *Coletânea Literária Assuense*, organizada por João Marcolino de Vasconcelos, que ficou a cargo das notas e compilação. Esta obra se traduz numa reunião de vários poemas de poetas locais na qual aparecem rápidos traços biográficos. O apoio do poder público municipal não foi à toa, tinha a intenção de promover uma terra de poesia e de tradição.

Temos aí mais uma ação por meio da linguagem visando reforçar a produção de uma *terra de história, poesia e tradição* e, por conseguinte, da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, pois mesmo não se prestando a fazer história, algumas páginas que antecedem a exposição de versos e seus autores são dedicadas à “Sinopse histórica”. A Coletânea foi publicada numa data considerada magna para o Município, ou seja, o aniversário de 132 anos de emancipação política. Assim, nos interessa perscrutar a guisa de apresentação da Coletânea, pois nela encontra-se o conjunto de enunciados que acabam por reafirmar e compor a formação discursiva aqui interrogada:

A GUIA DE APRESENTAÇÃO

Assú, no lapso destes 132 anos, pela inteligência dos seus filhos, sempre se destacou no cenário sócio-político e cultural do Rio Grande do Norte, notadamente no culto das letras e das artes, merecendo o honroso título de *ATENAS Norte-riograndense* (VASCONCELOS, 1977, p.?).

João Marcolino de Vasconcelos, através dos dizeres acima, produz um discurso garantidor da participação e da importância dos assuenses no campo cultural potiguar. Esta escrita é atravessada por outros dizeres proferidos dentro da formação discursiva acerca de Assú. Tem-se aí mais um enunciado que localizado na dispersão de outros acabam por formar um conjunto que se refere a um único e mesmo objeto de saber e poder: o espaço assuense enquanto “Atenas Norte-Rio-Grandense”.

No campo das coletâneas poéticas, em 1984, ocorre a publicação da obra do assuense Ezequiel Epaminondas da Fonseca Filho, intitulada *Poetas e Boêmios do Açu* (1984). Nesta obra, o autor buscou construir um espaço de feições poéticas, haja vista se remeter ao Assú por meio de seus poetas e boêmios. A obra de Ezequiel traduz mais uma ação efetuada por meio da linguagem no sentido de dotar a cidade de uma imagem poética.

Além do mais, Ezequiel Fonseca tinha interesse em reforçar certa unidade cultural (positividade do discurso) de Assú por meio de seus expoentes de versos, o que denuncia certa noção de tradição. Essa atitude também parece ter sido encampada por setores ligados a promoção da cultura local, na medida em que foram fomentados momentos célebres para o culto à poesia, daí que a obra desse escritor foi lançada no município, em 06 de outubro de 1984, momento considerado cívico e notório para cidade, já que se celebrava o 139º aniversário de emancipação política do Assú. Nesta data, foi realizado um evento literário na quadra do Campus da Universidade Regional, que visava à promoção poética assuense, ocasião em que se oferecia *Poetas e Boêmios do Açu* à “cidade dos poetas”. Ainda foram lançados outros livros de escritores locais no mesmo evento, a exemplo de Renato Caldas, Francisco Amorim, Maria Eugênia, Celso da Silveira, entre outros (OPINIÃO, 1984, p. 4).

Além do mais, percebe-se em *Poetas e Boêmios do Açu*, ecos do saber constituído em relação ao espaço assuense por escritores como Ezequiel Wanderley e Rômulo Wanderley, de modo que são citados através das obras *Poetas do Rio Grande do Norte* (1922) e *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense* (1965). Implicitamente, manifestou-se em Ezequiel Fonseca a intenção de produzir algo parecido com as produções dos dois outros escritores citados que destacasse somente os poetas de Assú e não mais do Estado como fizera seus antecessores.

Nesse contexto, no final da década de 1980 se observam ações no sentido da revitalização de um tipo de cultura assuense que diz respeito a uma terra de *história, poesia e tradição*, confundida com uma Atenas. Ações estas desencadeadas pelo poder público municipal e por espaços de produção e divulgação de impressos, como o jornal *A Tribuna do Vale do Açu*. Em relação ao primeiro, observa-se que ano de 1989, a praça principal da cidade, denominada Praça Getúlio Vargas, passava por uma intensa reforma, inclusive despertando inquietação quanto aos aspectos modernos que passaria a ter. Nesta reforma foi construído ainda um anfiteatro que se localiza no chamado Quadro da Rua, em frente à Igreja Matriz (centro), batizado de anfiteatro Arcelino Costa Leitão. Para uma terra que pretendia assemelhar-se a uma “Atenas”, um anfiteatro criaria um espaço de apresentações artísticas na “Atenas Norte-Rio-Grandense”. Outra obra física construída pelo Poder Público Municipal, em meados da década de 1990, foi um monumento em uma das entradas da cidade, que apresenta verso comparando o Assú a “um pedaço do céu dentro do mundo” de autoria do poeta João Natanael de Mâcedo. O referido monumento foi construído em função da comemoração do sesquicentenário da cidade.

Por outro lado, em agosto de 1990, no Jornal *Tribuna do Vale do Açu*, era veiculada na coluna “Do meu canto”, de responsabilidade de João Marcolino de Vasconcelos, a matéria intitulada À beira da falência. Nesta, o autor, ao passo que se reportava a “II Feira de arte e cultura da cidade de Assu”, realizada naquele ano, expressava sua insatisfação para com o panorama cultural de sua cidade, notadamente acerca da falta de iniciativas e movimentos que pudessem preservar a arte e a cultura local. Seu discurso pretendia, naquele momento, sensibilizar seus conterrâneos a pesquisarem, analisarem e conservarem tal cultura, já que:

Hoje, no Assu, se lê menos, e muito menos se escreve. Sem que implante a conscientização dessa realidade atual de nossa cultura, nos seus diversos aspectos, sombrio será o seu futuro, sobretudo quando as últimas reservas de que dispomos, tendem a desaparecer no parnasco literário da nossa decantada *Atenas*, sem substitutos, como desapareceram João Lins Caldas, Palmério Filho, Rômulo Wanderley, João Celso Filho e tantos outros construtores da nossa arte e da nossa cultura provincianas, à beira da falência. É o que penso
DO MEU CANTO (J. VASCONCELOS, 1990, s/p, grifo nosso).

Neste trecho, Vasconcelos demonstra uma séria inquietação com o cenário cultural de seu espaço, transparece o medo da perda de referenciais estabelecidos pela falta de consciência da população. No ato de sua argumentação, atribui relevância ao referencial literário, pois imputa ao Assú o *status* de “Atenas”, concomitantemente cita poetas e escritores como responsáveis pela construção cultural da cidade. Sua narrativa possui uma tonalidade identitária demarcada pela manutenção de um ideal de

cultura, por sua vez, gestada num passado arquetípico. Uma cultura comparada a um grande empreendimento que não poderia chegar à falência. Ainda argumentou sobre a falta de instituições de zelo e propagação cultural no município, evidenciando que outras cidades, a exemplo de Mossoró, possuíam tais instituições:

Tempos atrás, João Sena, o mesmo que recentemente sugeriu a criação do MUSEU ASSUENSE, propunha de uma entidade cultural, tipo academia de letras, a exemplo da que existe na cidade de Mossoró, que tem sabido preservar o seu patrimônio histórico e cultural. Enquanto lá, além de sua academia de letras, existem mais de uma centena de entidades culturais e uma “Coleção Mossoroense” com centenas de publicações, aqui, o que existe do nosso acervo cultural, artístico e etnológico, armazenado, não passa do que foi pesquisado por Francisco Amorim, Manoel Rodrigues de Melo, Celso da Silveira, embora existam esparsas [...] (J. VASCONCELOS, 1990, s/p).

Podem-se rastrear neste enunciado possíveis indícios da noção de batalha da cultura como projeto identitário das cidades, pois Mossoró denominou seu projeto cultural, iniciado em 1948, de *Batalha da Cultura*. Não é à toa que o autor da matéria, João Marcolino de Vasconcelos, é o mesmo que colaborou com a criação da *Coleção Assuense de Literatura* na década de 1970, inclusive organizando a obra *Coletânea Literária Assuense* (1977), já citada neste trabalho, o que pode indicar a possibilidade da criação de uma coleção em Assú frente ou inspirada na coleção existente em Mossoró, desde a década de 1950. Ainda cabe mencionar que o lugar de autor desempenhado por Vasconcelos exemplifica o perfil de vários outros escritores assuenses, como Francisco Amorim, Rômulo Wanderley, Lauro de Oliveira, entre outros, pois são autores à medida que se tornaram o “[...] princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2010, p. 28). Foucault ainda elenca que o autor é aquele que confere a ficção sua inserção no real. Sendo assim, foi por meio da escrita destes homens de letras que a “Atenas Norte-Rio-Grandense” emergiu, ganhou notoriedade e foi projetada enquanto verdade.

Cabe citar neste ponto que a reativação da *Coleção Assuense de Literatura*, nos anos 2000, apresentou como uma das principais ações o projeto ASSÚ – *De Poesia em Poesia*, atividade cultural que tratou de reproduzir, de modo impresso, em folhetos semelhantes aos de cordéis, os principais poemas e traços biográficos de poetas assuenses que aparecem no livro *Poetas do Rio Grande do Norte* (1922), composto por Ezequiel Wanderley, obra já citada como ponto de origem das tradições poéticas e da Atenas. Um dos cordéis se intitula *Assú, o lugar que eu procurava*, de autoria de Ribamar F. Gonzaga. Esse trabalho, como o próprio título já traduz, apresenta em suas entrelinhas a história de uma busca do autor por uma terra sonhada, almejada, o paraíso, essa terra seria Assú. Analise-se o poema:

Procurando um lugar pra descansar
O meu corpo carente de afeto
O destino me disse vá direto,
E só descanse depois de encontrar.
Descreveu os aspectos do lugar
E as imagens guardei na minha mente,
Posso agora gritar abertamente
Encontrei o lugar que eu procurava

É Assu a cidade que eu buscava
Pra viver o meu sonho eternamente.

Mantos brancos bordados de ternura
Formam nuvens nos céus do teu espaço
Cada forma celeste é um pedaço
Do enfeite da tua formosura.
Quando vista do alto se mistura
Com os campos floridos do sertão,
Provocando em quem vê a sensação
Que na terra se enxerga um paraíso,
Nesse céu para morar só é preciso
Respeitar nossos laços de união.

Considerando que todo enunciado se insere em meio a outros, que ele nunca é independente ou neutro e ainda que por vezes conexa e exerce seu papel por ínfimo que seja, observamos que o enunciado proferido Ribamar F. Gonzaga possui relações com outros, basta lembrar-se do poema já citado sobre o Assú enquanto “um pedaço do céu dentro do mundo”, de autoria do poeta João Natanael de Mâcedo. Deve-se notar que, embora os escritores e poetas locais recorram ao elemento “terra” para se referirem a cidade natal, como nos epítetos “Terra dos Poetas” e “Terra dos Verdes Carnaubais”, eles também lançam mão do dispositivo “céu” para trato de sua cidade. Nestes termos, a construção de uma “terra” de *história, poesia e tradição*, vez por outra se remontando a um tipo de paraíso ou céu, foi sendo operada na linha de integração das perspectivas espaciais celestes e terrestres, emergindo assim um movimento que aproxima concomitantemente o céu da terra e a terra do céu, o que implica pensar em estratégias discursivas que tiram proveito das duas dimensões, até por que um território divino possui sua simbologia distribuída entre esperança, fé e elevação, enquanto uma “terra” permite a “criação de raízes”, das origens, oferece chão para estabelecimentos, firmamentos e construções. Nessas circunstâncias, estes enunciados colocam em funcionamento uma maquinaria de sonhos, de expectativas e de vislumbre relativas a um “canto harmonioso”, como a poetisa Sinhazinha Wanderley denominou a cidade de Assú.

Considerações finais

Podemos estabelecer algumas notas de arremate para este texto, de modo a considerar que a construção de Assú-“Atenas Norte-Rio-Grandense” deve ser pensada para além da ideia de tradição e naturalidade. A tradição é uma invenção humana, conforme o regime de historicidade em vigor. Embora o livro *Poetas do Rio Grande do Norte* (1922), de autoria de Ezequiel Wanderley, seja apontado como baliza para o famoso epíteto, as condições de possibilidade, por sua vez enunciadas neste texto, apontam à emergência da “Atenas Norte-Rio-Grandense” derivada de um trabalho discursivo e material constante após 1960. Trabalho esse com fortes evidências de ter sido desencadeado mediante um interesse em garantir uma suposta liderança cultural no cenário do Estado e garantir um lugar que se acreditava ter conquistado (cidade dos poetas, reduto dos intelectuais, etc). A necessidade da manutenção de representação social e econômica no cenário regional e estadual, com o declínio da economia dos carnaubais, fez emergir a paisagem verdejante e implicando pensar, desta feita em

um poder simbólico, consubstanciado por sua vez na “Atenas Norte-Rio-Grandense”. A “Atenas Norte-Rio-Grandense” foi fruto de um interesse de poetas, escritores e intelectuais assuenses, eles visavam garantir e afirmar certa ancestralidade intelectual, primazia jornalística e pretensa vocação poética atrelada a vínculos familiares locais. Assim, a terra da poesia ou cidade dos poetas aparece como condição *sine qua non* para a possibilidade de existência discursiva da “Atenas Norte-Rio-Grandense”, espaço decantado e destacado através dos discursos no cenário cultural potiguar.

Além do que a participação de assuenses em instituições de produção e propagação de saberes no cenário estadual, a exemplo do IHGRN e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, possibilitou o aparelhamento da rede discursiva construtora da Atenas. A criação de coletâneas poéticas, da *Coleção Assuense de Literatura*, de caravanas e semanas culturais, prêmios de poesias, títulos de cidadão assuense a escritores(as) advindos de outros lugares, construções à moda grega como o anfiteatro e a coluna (Brasão), entre outros, indica certa batalha da cultura desenvolvida de modo a se tornar a segunda no contexto do Oeste Potiguar, que já contava com a *Batalha da Cultura Mossoroense*. Assim, enquanto essa última se apegou aos ideais de liberdade (abolição dos escravos), pioneirismo (voto feminino) e resistência (bando de Lampião em 1927); a batalha da cultura assuense encampou os discursos de uma terra de história grandiosa, poesia (vocação poética dos assuenses) e tradição (jornalística, poética, artística e cultural) confundida com a antiga capital grega, berço da cultura ocidental e conhecida em todo mundo. Esta metáfora espacial transparece, à moda maranhense, ter sido uma maneira de situar um pretensível nível elevado de inteligência e escrita como condição de singularidade e diferença dos assuenses perante os demais espaços potiguares. Dessa forma, a “Atenas Norte-Rio-Grandense” emergiu no cenário intelectual e cultural não só do Oeste Potiguar, mas do Rio Grande do Norte.

Referências:

Açu elegeu domingo seus dirigentes partidários. *O Mossoroense*, Mossoró/RN, 18 jan. 1972, nº 3.688, ano C, s/p.

Açu escolheu suas personalidades 72. *O Mossoroense*, Mossoró (RN), 15 de outubro de 1972, n. 3.890, Ano C, s/p.

AMORIM, Francisco. *História do Teatro no Assu*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1972.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARBOSA, Pedro Luis Navarro. In: SARGENTINE, Vanice; BARBOSA, Pedro Navarro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97 – 130.

Brasão do município de Assú. Disponível em: <<http://assu.rn.gov.br/simbolos-hino/>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

Câmara de Açu está em reunião amanhã. *O Mossoroense*, Mossoró (RN), 19 de janeiro

de 1973, N^o. 3.960, Ano CI, s/p.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mossoró, região e cidade*. Mossoró: Editora Universitária/ Coleção mossoroense, 1980.

COLETANEA *Literária Assuense*. Publicação comemorativa à passagem do 132^o aniversário da elevação do Assú à categoria de cidade. Coleção Assuense, n^o. 001, 1977.

COSTA, Bruno Balbino Aires da Costa. Mossoró: a cidade como Região. *Revista Espacialidades* [online]. 2011, v. 4, n. 3, p. 5.

Do Açú. *A Opinião*. Natal, 6 out. 1984. Jornal WN, p. 4.

FONSECA FILHO, Ezequiel. *Poetas e Boêmios do Açú*. 1.ed. Natal: Clima, 1984.

FOUCAULT, Michel. 1976 - Perguntas a Michel Foucault sobre Geografia. Ditos e escritos – IV. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros da Mota; Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 175 – 188.

_____, Michel. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____, Michel. *A ordem do discurso*. 20 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Homenagem. *O Mossoroense*, Mossoró (RN), 25 de julho de 1972, N^o. 3.833, ano C, p. 5.

MONTENEGRO, Maria Eugênia Maceira. De Nísia Floresta a Rômulo Wanderley. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, Natal, n. 10, Ano XXI, p. 231 – 246, 1972.

_____, Maria Eugênia M. *Lembranças e tradições do Açú*. Natal: Gráfica Minimbu, 1978.

_____, Maria Eugênia Maceira. Discurso em homenagem à memória de Carolina Wanderley. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*. Natal, n. 13, Ano XXV, p. 21-30, 1977.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Lauro de. *O Açú no Recife*. Recife: Imprensa Oficial, 1966.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e Política: OS ANOS 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

ROCHA, André Gusmão da. *Os Novos Atenienses: Apropriação do imaginário da Atenas Brasileira na Primeira República*. III Simpósio do Maranhão Oitocentista, 2013, p. 1-9.

SANTOS, Roberg Januário dos; BARROS, Lucilvana Ferreira. A poética do espaço: a escrita e a produção da paisagem dos verdes carnaubais assuenses (1950 - 1970). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 102-133, jan./jun. 2013.

VASCONCELOS, João Carlos de. *ASSÚ – “Atenas Norte – Riograndense”*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1966.

VASCONCELOS, João Marcolino de (Org.) *Coletânea Literária Assuense*. Publicação comemorativa à passagem do 132º aniversário da elevação do Assú à categoria de cidade. Coleção Assuense, n. 001, 1977.

_____, João Marcolino de. À beira da falência. *Tribuna do Vale do Açu*, Assú, ago. 1990. Do meu canto, s/p.

WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: co-edição do sebo Vermelho e Editora Clima, 1993.

WANDERLEY, Rômulo Chaves. *Canção da Terra dos Carnaubais*. Natal: Departamento de Imprensa, 1965.

_____, Rômulo Chaves. Evocando os nossos mortos. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, Natal, n. 8, p. 76-83. Ano XIX, 1970.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.